

Copyrighted Material

UM MUNDO *de* TRÊS ZEROS

A NOVA ECONOMIA *de*
ZERO POBREZA,
ZERO DESEMPREGO *e*
ZERO EMISSÕES
LÍQUIDAS DE CARBONO



VENCEDOR DO PRÊMIO NOBEL DA PAZ

MUHAMMAD
YUNUS

AUTOR DO BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

O BANQUEIRO DOS POBRES



VOO

UM MUNDO *de* TRÊS ZEROS

A NOVA ECONOMIA *de*
ZERO POBREZA,
ZERO DESEMPREGO
e ZERO EMISSÕES
LÍQUIDAS DE CARBONO

MUHAMMAD
YUNUS

e KARL WEBER



UM MUNDO *de* TRÊS ZEROS

A NOVA ECONOMIA *de* ZERO POBREZA, ZERO DESEMPREGO
e ZERO EMISSÕES LÍQUIDAS DE CARBONO

Copyright © 2017 by Muhammad Yunus

A world of three zeros: the new economics of zero poverty, zero unemployment, and zero carbon emissions
Esta edição foi publicada mediante acordo com a PublicAffairs, uma marca da Perseus Books, LLC, subsidiária da Hachette Book Group, Inc., Nova York, Nova York, EUA. Todos os direitos reservados.

Autores Muhammad Yunus e Karl Weber

Tradutor João Paulo Pimentel

Coordenação editorial Claudia Kubrusly e Priscila Seixas

Revisão Maurício Carneiro, Priscila Seixas e Raquel Benchimol

Design e projeto gráfico Amy Quinn

Diagramação Maurício Carneiro

Catálogo na Publicação (CIP)

Yunus, Mohammad, 1940-
Y863m Um mundo de três zeros : a nova economia de zero pobreza, zero desemprego e zero emissões de carbono / Mohammad Yunus & Karl Weber ; [tradução João Paulo Pimentel]. - 1. ed. - Osasco (SP) : Voo, 2023. 283 p.

Tradução de: *A world of three zeros: the new economics of zero poverty, zero unemployment, and zero carbon emissions.*

ISBN 978-65-89686-53-8

1. Responsabilidade social da empresa 2. Capitalismo – Aspectos sociais 3. Desenvolvimento econômico – Aspectos sociais 4. Desenvolvimento sustentável 5. Economia I. Weber, Karl, 1953- II. Pimentel, João Paulo III. Título.

CDD: 330

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB-6/2334



IMPRESSO NO BRASIL



CADEIA RESPONSÁVEL



UM POR UM: CADA LIVRO, UMA CONTRAPARTIDA SOCIAL



Reservados todos os direitos de publicação à:
Editora Voo Ltda.
Avenida das Comunicações, 265, Setor 1 MOD A-07,
Osasco/SP – CEP 06.276-190
www.editoravoo.com.br

Aos jovens que construirão
uma nova civilização.

SUMÁRIO

<i>Notas à edição brasileira</i>	<i>ix</i>
<i>Prefácio</i>	<i>xv</i>

PARTE UM

O DESAFIO

1 As falhas do capitalismo	3
2 Criando uma nova civilização: a contraeconomia dos negócios sociais	17

PARTE DOIS

OS TRÊS ZEROS

3 Zero pobreza: um fim à desigualdade de renda	35
4 Zero desemprego: não buscamos empregos, criamos empregos	67
5 Zero emissões líquidas de carbono: uma economia da sustentabilidade	95
6 Mapa para um futuro melhor	117

PARTE TRÊS

MEGAPODERES PARA TRANSFORMAR O MUNDO

7 Juventude: energia e poder para os jovens do mundo	143
8 Tecnologia: o poder libertador da ciência	169
9 Boa governança e direitos humanos: chaves para construir uma sociedade funcional	195

PARTE QUATRO

PASSOS EM DIREÇÃO AO FUTURO

10 A necessária infraestrutura jurídica e financeira	223
11 Redesenhando o amanhã	251
<i>Notas bibliográficas</i>	<i>259</i>
<i>Índice remissivo</i>	<i>265</i>

NOTAS À EDIÇÃO BRASILEIRA

*Por Túlio Notini**

COMO PARTE DA YUNUS NEGÓCIOS Sociais no Brasil, gostaria de ressaltar a importância desta obra do professor Muhammad Yunus para o contexto brasileiro, em que a desigualdade persiste, a pobreza assola milhões de pessoas e os ecossistemas naturais sofrem pressões seculares.

A desigualdade social é a maior violência que pode existir na sociedade e, no Brasil, a realidade é preocupante. De acordo com dados recentes, o Brasil figura como um dos países mais desiguais do mundo, com uma expressiva faixa da população abaixo da linha da pobreza. Em 2021, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 62,5 milhões de pessoas estavam na pobreza e, entre elas, 17,9 milhões eram extremamente pobres — lutando diariamente para suprir suas necessidades básicas. A desigualdade se acentua quando olhamos pela perspectiva de raça: a proporção de pretos e pardos abaixo da linha de pobreza (37,7%) é praticamente o dobro da proporção de brancos (18,6%).

Além disso, o desemprego permanece como um desafio significativo. Segundo a mesma fonte, a taxa de desocupação no país chegou a 8,8% no primeiro trimestre de 2023, o que representa aproximadamente 10 milhões de pessoas desempregadas. Essa situação cria um ciclo de desigualdade, perpetuando a

pobreza e limitando as oportunidades de desenvolvimento para muitas famílias brasileiras.

Enquanto enfrentamos esses problemas sociais, a Amazônia, a maior floresta tropical do mundo, também sofre com altos índices de desmatamento. Dados recentes do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) mostram que a taxa de desmatamento na Amazônia brasileira atingiu o maior nível em quinze anos, representando uma grave ameaça à biodiversidade, aos povos indígenas e aos serviços ecossistêmicos que a floresta fornece. O desmatamento da Amazônia é somente um, porém o mais simbólico, dos diversos desafios ambientais que enfrentamos.

Esses problemas manifestados no Brasil, e que encontram eco em todas as regiões do mundo, escancaram a ineficiência do atual sistema econômico global, que se baseia exclusivamente na maximização do lucro, deixando milhões de pessoas marginalizadas e o planeta em um estado de crise ambiental. De acordo com o professor Yunus, para resolvermos esses problemas em larga escala é preciso olhar para além desse sistema, e sua aposta é no conceito e na prática dos negócios sociais e do microcrédito. Não à toa, ele é hoje uma das principais lideranças mundiais nos dois temas.

As ideias apresentadas pelo professor Yunus são valiosas. Por meio do fomento do empreendedorismo social e da inclusão financeira, é possível criar oportunidades econômicas para as camadas mais vulneráveis da população, rompendo o ciclo da pobreza e promovendo a dignidade e a autonomia das pessoas. Paralelamente, devemos reconhecer que a preservação da natureza não é apenas uma questão ambiental, mas também uma luta por justiça social e equidade. Ele argumenta que é possível criar um mundo onde a pobreza, o desemprego e as emissões líquidas de carbono sejam reduzidos a zero, desde que sejamos capazes de repensar e redesenhar o sistema econômico atual em prol do bem-estar humano e do planeta.

A obra do professor Yunus conversa com o pensamento das principais lideranças do Brasil e, por isso, aqui, num exercício de imaginação, gostaria de criar um diálogo de ideias entre ele, Lélia Gonzalez e Ailton Krenak. Lélia, uma das nossas maiores filósofas e ativistas, nos disse e nos mostrou que “é preciso lutar por uma sociedade na qual a igualdade social seja o princípio orientador”. Por sua vez, Ailton, também filósofo e ativista, nos convoca a “aprender a viver em comunidade com todas as formas de vida”. Yunus, neste livro, se junta a essas e outras tantas vozes brasileiras para ampliar a nossa missão como comunidade: construir um futuro mais igualitário e sustentável para todas as pessoas e para todos os ecossistemas.

Portanto, é crucial que levemos em consideração a urgência das ideias apresentadas neste livro. Ao explorar as propostas de Yunus, podemos encontrar caminhos para enfrentar os desafios socioeconômicos e ambientais do Brasil atual. Sigamos esse chamado e trabalhemos juntos.

***Túlio Notini** é diretor de Corporate Innovation da Yunus Negócios Sociais no Brasil e assina esta nota em nome de todo o time.



Por Ticiania Rolim Queiroz*

“LIVROS MUDAM PESSOAS, PESSOAS MUDAM O MUNDO.” Essa frase fala muito por mim. Foi lendo o livro *Um Mundo Sem Pobreza* do professor Yunus que tive uma grande mudança em minha vida: virei minha chave de empresária para empreendedora social.

Sou uma mulher branca, vinda de uma família de empresários, bem-sucedida financeiramente. Durante minha jornada de autoconhecimento, comecei a me questionar o que fazer com

meus privilégios. Decidi, então, que os usaria a serviço de não deixar ninguém para trás.

No momento em que li a frase “Um dia nossos netos terão de ir aos museus para saber como era viver na pobreza”, decidi que seria essa a minha missão neste mundo. Isso foi em 2017. No mês seguinte, em agosto, fundei a Somos Um, uma articuladora de negócios de impacto que existe para reduzir as desigualdades e colaborar para “mandar a pobreza para o museu”. Escolhemos o empreendedorismo social como ferramenta para alcançar esse objetivo.

O professor Yunus foi minha maior inspiração. Conectei-me profundamente com tudo o que ele dizia e com o seu propósito. Senti como se ele, em seus escritos e falas, conseguisse materializar tudo que estava guardado em algum lugar dentro de mim e pronto para nascer. A sensação era de que estava relembrando o que vim fazer nesta vida.

Quando tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente no evento de comemoração dos 10 anos da Yunus Social Business, em Berlim, na Alemanha, em junho de 2022, pude ter certeza de que eu estava no caminho certo.

Estudando nosso sistema econômico, compreendi que o capitalismo é muito eficiente em gerar riqueza, mas é ineficiente em distribuí-la. Yunus comenta neste livro que, segundo a Oxfam, nos últimos dez anos, ainda que o número de empresas e de empregos gerados tenha aumentado, a desigualdade também cresceu em um nível jamais visto.

Já sabemos que não se trata apenas de fazer os negócios crescerem e gerarem empregos, a questão é o modelo que está desenhado. Precisamos rever o sistema econômico. É necessário um sistema mais justo e equilibrado para todos, que seja capaz de distribuir melhor a riqueza.

Yunus também diz: “A pobreza não pertence aos seres humanos, ela é artificialmente imposta porque o sistema é desenha-

do dessa maneira. Não é culpa das pessoas, é culpa do sistema. Então, se você está procurando tirar pessoas da pobreza, não olhe para aquelas que são pobres, olhe para nós mesmos, que criamos o sistema”.

Este livro fala sobre isso e nos provoca a reflexão: como podemos usar os negócios como instrumento para gerar impacto positivo no mundo?

O setor privado precisa assumir a responsabilidade como agente protagonista de uma mudança necessária. O mundo dos três zeros só será possível se o segundo setor e as lideranças empresariais usarem seus modelos de negócios como instrumento para essa transformação. Para isso, é necessário que os negócios comecem a medir os impactos sociais e ambientais gerados com a mesma seriedade e assertividade com as quais medem seus indicadores financeiros, colocando ambos os indicadores no mesmo grau de importância nas tomadas de decisão.

O impacto é o novo lucro, e agir é urgente!

São muitos os desafios que enfrentaremos adiante, e ninguém será capaz de resolvê-los sozinho. As soluções precisam ser sistêmicas e trabalhadas em conjunto. Precisamos unir poder público, poder privado, organizações sociais, universidades, mídia, sociedade civil. Cada um contribuindo com sua fortaleza e experiência. Essa união trará a eficiência de que precisamos para criar o mundo dos três zeros.

Apoiar o lançamento da edição brasileira desta obra fundamental do professor Yunus me traz alegria e esperança. Minha expectativa é que, assim como a mim, este livro possa inspirar mais pessoas a colocar seus dons, talentos, privilégios e instrumentos a serviço da humanidade na criação do mundo dos três zeros.

***Ticiane Rolim Queiroz** é presidente da Somos Um, uma articuladora de negócios de impacto.

PREFÁCIO

*Por Fábio Colletti Barbosa**

NÃO DÁ PARA IR INDEFINIDAMENTE bem em um país que vai mal. Usei essa frase certa vez em uma palestra e ela ficou muito marcada. Subir muros e blindar carros não é e nunca será a solução. É preciso pensar em como construir uma sociedade mais inclusiva, trazendo todo mundo junto. No caso, eu falava especificamente de Brasil. O que Muhammad Yunus propõe nesta obra é como transformar o capitalismo de modo que, independentemente da região do planeta, todos possam ter o sentimento de pertencimento.

Tive a oportunidade de conhecer Muhammad Yunus quando eu era presidente do Banco Real. Naquela época, estabelecemos uma parceria com o Grameen Bank, fundado por ele, para trazer ao Brasil o conceito de microcrédito produtivo. Esse conceito da indústria financeira envolve a concessão de pequenos empréstimos a pessoas que não têm acesso aos serviços bancários tradicionais, como indivíduos de baixa renda ou empreendedores em países em desenvolvimento. O objetivo é capacitar essas pessoas para iniciar ou expandir pequenos negócios e, assim, gerar renda e melhorar sua qualidade de vida em geral.

O acesso aos serviços financeiros é considerado um pilar tão importante da construção da cidadania que, atualmente, faz parte de um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) desenvolvidos pela ONU e amplamente explicados nesta obra. O oitavo ODS é “promover o crescimento econômico sustentado,

inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas e todos”. Dentro dele, o item 8.10 estabelece: “Fortalecer a capacidade das instituições financeiras nacionais para incentivar a expansão do acesso aos serviços bancários, de seguros e financeiros para todos”. Os serviços financeiros também são citados na descrição de outros objetivos em relação às mulheres, aos empreendedores, aos produtores rurais e aos mais pobres.

Ao fornecer pequenos empréstimos, o microcrédito permite que as pessoas criem meios sustentáveis de subsistência, rompam o ciclo da pobreza e contribuam para o crescimento econômico de suas comunidades. É importante ressaltar que se trata da modalidade de microcrédito produtivo, ou seja, esses empréstimos podem ser usados para diversos fins, como comprar equipamentos, adquirir estoque ou investir em um empreendimento comercial. O que nos leva a um outro conceito fundamental abordado nesta obra: empreendedorismo.

O Grameen Bank tem como foco principal o empreendedorismo feminino, explicação que você encontrará em mais detalhes na segunda parte do livro. Atualmente, mulheres e jovens são os mais afetados pelo desemprego no mundo todo. Yunus mostra como o empreendedorismo e os negócios sociais podem ser um importante vetor de redução das desigualdades e de desenvolvimento econômico. No Brasil, segundo pesquisa do Sebrae, em 2022, quase 1,6 milhão de empregos foram criados por pequenas e médias empresas (PMEs), cerca de 78,4% do total de novas vagas. E, segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), mais de 38 milhões de lares são chefiados por mulheres. O que demonstra que há um potencial imenso que ainda precisa ser destravado em nosso país.

Apesar dos vários problemas que a humanidade enfrenta, como as mudanças climáticas, por exemplo, Yunus se mostra oti-

mista ao longo do livro. Pude encontrá-lo algumas vezes por ocasião do trabalho na Fundação das Nações Unidas (UN Foundation), onde fomos colegas do Conselho. Sempre admirei sua consistência em olhar com especial cuidado a erradicação da pobreza, por isso destaco o seguinte trecho, em especial: “A erradicação da pobreza é um aspecto essencial para garantir a paz entre as pessoas. A distribuição justa da riqueza é, em última análise, uma questão de sustentabilidade, tanto quanto a mudança climática, a poluição do ar ou o uso excessivo de recursos naturais”.

Compartilho de seu otimismo com a redução da pobreza, os avanços da ciência e, inclusive, a conscientização em relação ao meio ambiente, mencionados ao longo do livro. Ele diz: “temos muitos aliados nesta batalha”; eu digo: estamos remando a favor da correnteza. Reconheço que os problemas são complexos e ainda há muito a ser feito. Entretanto, compreender que parte da jornada já foi alcançada nos ajuda a não esmorecer.

Ademais, as novas gerações têm uma consciência ambiental, social, ética e cidadã que as gerações anteriores não tiveram. Faço questão de mencionar em praticamente todas as oportunidades: se a minha geração não deixou um mundo melhor para os nossos filhos, deixamos filhos melhores para o nosso mundo. Hoje em dia, os jovens de maneira geral estão mais conectados com os valores desse novo capitalismo descrito por Muhammad Yunus.

Em tempo, não acredito em uma ética restritiva, prefiro trabalhar com uma ética inspiradora. E esta é, com certeza, uma leitura orientadora, cheia de exemplos de negócios sociais que podem ser replicados para a construção do país e da sociedade que almejamos. Não é um dever, é um privilégio podermos ajudar nesta jornada. Boa leitura!

***Fábio Colletti Barbosa** é CEO da Natura&Co e membro do Conselho de Administração da UN Foundation.

PARTE
• • •
UM

O DESAFIO

1

AS FALHAS DO CAPITALISMO

DEDIQUEI A MAIOR PARTE DA minha vida ao trabalho pelos mais pobres, principalmente pelas mulheres mais pobres, tentando remover obstáculos que essas pessoas enfrentam em seus esforços para melhorar suas vidas. Por meio da ferramenta conhecida como microcrédito, o Grameen Bank, que fundei em Bangladesh, meu país de origem, no ano de 1976, oferece capital a moradores pobres de áreas rurais, em especial às mulheres. Desde então, o microcrédito estimulou a capacidade empreendedora de mais de 300 milhões de pessoas pobres em todo o mundo, ajudando-as a romper correntes de pobreza e exploração escravizantes.

O impacto do microcrédito, ao permitir que milhões de pessoas deixassem a pobreza, expôs deficiências do sistema bancário tradicional, que negava serviços a quem mais precisava deles — as populações mais pobres do planeta. Este é apenas um dos vários problemas inter-relacionados que afligem os mais pobres: falta de serviços institucionais, falta de água potável e instalações sanitárias, falta de assistência em saúde, educação ruim,

moradias precárias, nenhum acesso à energia, velhice negligenciada e muitos outros. Tais problemas não estão restritos aos países em desenvolvimento. Em minhas viagens, observei pessoas de baixa renda nas nações mais ricas do mundo sofrendo da maioria dos mesmos problemas. Nas palavras de Angus Deaton, economista ganhador do Prêmio Nobel: “Se tivesse que escolher entre morar em um vilarejo pobre da Índia, no Delta do Mississippi ou num trailer nos arredores de Milwaukee, não sei onde a vida seria melhor”.¹

A MARÉ ASCENDENTE DA CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZA

AS DIFICULDADES QUE ATINGEM OS mais pobres do mundo todo refletem um problema econômico e social ainda maior — o problema da ascensão da desigualdade, causada pela contínua concentração de riqueza.

A desigualdade é assunto polêmico na política há anos. Muitos movimentos políticos e sociais dinâmicos e muitas iniciativas ambiciosas foram lançadas nos últimos anos para tentar resolvê-lo. Sacrifícios foram feitos no processo. Mas o problema continua longe de ser solucionado. Na realidade, várias evidências mostram que o crescimento da lacuna de riqueza entre os indivíduos se intensificou nas últimas décadas. À medida que a economia cresce, a concentração de riqueza também cresce. A tendência foi mantida, e até mesmo acelerada, apesar dos efeitos positivos dos programas nacionais e internacionais de desenvolvimento e redistribuição de renda e de outros esforços voltados para mitigar problemas das pessoas de baixa renda. O microcrédito e outros programas ajudaram muitos a sair da pobreza, mas os mais ricos continuaram a abocanhar uma parcela maior da riqueza mundial.

A tendência de aumento na concentração de riqueza é perigosa porque ameaça o progresso humano, a coesão social, os direitos humanos e a democracia. Um mundo em que a riqueza está concentrada em poucas mãos é também um mundo em que o poder político é controlado por poucos, e usado por estes em benefício próprio.

Assim como a concentração de riqueza cresce dentro dos países, ela também aumenta entre as nações. Enquanto milhões de pessoas trabalham para sair da pobreza, a maior parte da riqueza continua concentrada em meia dúzia de países.

À medida que as desigualdades de riqueza e poder se ampliam, sentimentos de desconfiança, ressentimento e raiva inevitavelmente se aprofundam, empurrando o mundo para convulsões sociais e aumentando as chances de conflitos armados entre as nações.

A Oxfam é uma confederação internacional de dezoito organizações sem fins lucrativos dedicadas à redução da pobreza global. Especialistas da Oxfam vêm estudando o problema do aumento na concentração de riqueza e os dados que eles revelam são verdadeiramente horríveis.

Em 2010, a Oxfam divulgou que as 388 pessoas mais ricas do mundo detinham mais riqueza do que a metade inferior da pirâmide social mundial — grupo que incluía aproximadamente 3,3 bilhões de seres humanos. Na época, a estatística foi considerada alarmante e, nesse mesmo tom, foi reportada ao redor do mundo. De lá para cá, o problema se agravou muito. Em janeiro de 2017, a Oxfam anunciou que o ultraprivilegiado grupo detentor de riqueza superior à da metade mais pobre da população global havia encolhido para apenas oito indivíduos — mesmo com a metade da população tendo aumentado para cerca de 3,6 bilhões de pessoas.² Jornais publicaram fotos dos oito indivíduos. São pessoas conhecidas e respeitadas — líderes empresariais nor-

te-americanos, como Bill Gates, Warren Buffett e Jeff Bezos, e alguns de outros países, como Amancio Ortega, da Espanha, e Carlos Slim Helú, do México.

O dado é tão inacreditável que absorvê-lo demanda tempo. Levanta em nós muitas outras perguntas. O que ocorre com o tecido social de um país onde um punhado de pessoas detém a maior parte da riqueza nacional? Quando um indivíduo passa a controlar uma fatia imensa da riqueza de um país, o que o impede de impor sua vontade à nação? Implícita ou explicitamente, os desejos dele se tornarão lei.

Isso pode acontecer facilmente num país de baixa renda como Bangladesh. Mas hoje entendemos que também pode ocorrer num país rico, como os Estados Unidos. Na campanha presidencial de 2016, Bernie Sanders insistia que o 0,1% mais rico da população norte-americana detinha a mesma riqueza que 90% da base da pirâmide — afirmação amparada por dados de pesquisas sólidas, a partir de fontes como o apartidário National Bureau of Economic Research.³ Sanders também dizia que a família Walton, do Walmart, tinha mais patrimônio do que a soma das riquezas de 40% da população dos EUA — outra afirmação sustentada por trabalho imparcial de checagem de informações.⁴

É perigoso um país permitir que tanta riqueza e poder se concentrem em tão poucas mãos. Talvez não surpreenda que aquela corrida presidencial dos EUA tenha acabado com a eleição de um homem praticamente sem credenciais para a liderança nacional, fora sua vasta riqueza pessoal.

COMO O CAPITALISMO GERA DESIGUALDADE

MUITAS CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS AO CENÁRIO financeiro e político de hoje contribuíram para o problema da concentração de

riqueza. Mas o fato essencial é que se trata de um processo ininterrupto, e quase inevitável, sob o atual sistema econômico. Ao contrário da crença popular, os mais ricos não precisam ser agentes perversos, que manipulam o sistema por meio de propina e corrupção. Na realidade, o sistema capitalista atual trabalha em favor deles. A riqueza é como um ímã. O maior ímã atrai ímãs menores para si. Assim é construído o sistema econômico contemporâneo. E a maioria das pessoas fornece o apoio tácito do sistema. Elas invejam os muito ricos, mas não costumam os afrontar. Crianças são encorajadas a se tornar ricas quando crescerem.

Em contraste, os pobres — pessoas sem ímã algum — têm dificuldade de atrair qualquer coisa para si. Se conseguem, de alguma forma, adquirir um pequeno ímã, é difícil que o mantenham. Os ímãs maiores exercem atração quase irresistível. Forças unidirecionais de concentração distorcem continuamente o formato do gráfico de riqueza, criando uma parede que sobe aos céus na porcentagem mais alta da escala, ao passo que as colunas que representam o restante da população mal se erguem do chão.

Tal estrutura é insustentável. Ela é uma bomba-relógio social e política, pronta para destruir tudo o que criamos ao longo dos anos. No entanto, esta é a realidade assustadora que se formou ao nosso redor enquanto nos distraíamos com nossa vida cotidiana, ignorando os presságios.

Isso não é o que os defensores da visão tradicional do capitalismo nos ensinaram a esperar. Desde o surgimento do capitalismo moderno, há cerca de 250 anos, o conceito do livre mercado como regulador natural da riqueza tornou-se amplamente aceito. Muitos de nós fomos ensinados sobre a “mão invisível” que assegura a competição na economia, contribuindo para o equilíbrio nos mercados e gerando benefícios sociais automaticamente compartilhados por todos. O livre mercado dedicado exclusivamente ao lucro deveria gerar melhor padrão de vida a todos.

O capitalismo de fato estimula a inovação e o crescimento econômico. Mas, em um mundo de desigualdade desenfreada, mais e mais pessoas se perguntam: “A mão invisível produz benefícios para todos na sociedade?”. A resposta parece óbvia. De alguma forma, a mão invisível deve ter sido desajustada em favor dos mais ricos — caso contrário, como poderia a gigantesca concentração de riqueza continuar a crescer?

Muitos de nós fomos criados para acreditar no *slogan* “O crescimento econômico é uma maré alta que levanta todos os barcos”. O adágio ignora a situação de milhões de pessoas agaradas a jangadas furadas — ou que não têm barco algum.

Em seu best-seller *O capital no século XXI* (Ed. Intrínseca, 2014), o economista Thomas Piketty oferece análises exaustivas sobre a tendência do capitalismo contemporâneo de aumentar a desigualdade econômica. Seu diagnóstico do problema suscitou debates ao redor do mundo. Piketty está absolutamente correto acerca da natureza do problema. Mas sua proposta de solução, que depende basicamente de tributação progressiva para corrigir desequilíbrios de renda, não é páreo para a situação.

É necessária uma mudança mais profunda na maneira como pensamos a economia. É hora de admitir que a visão neoclássica do capitalismo não oferece solução aos problemas econômicos que enfrentamos. Ela produziu avanços tecnológicos incríveis e enorme acumulação de riqueza, mas ao custo de gigantescas desigualdades e terríveis problemas humanos decorrentes delas. Precisamos abandonar nossa fé inabalável no poder dos mercados centrados no lucro pessoal para resolver todos os problemas e entender que a desigualdade não será resolvida pelo funcionamento natural da economia como ela é hoje estruturada. Pelo contrário, os problemas se tornarão cada vez mais graves muito rapidamente.

A questão da desigualdade não afeta apenas os “perdedores” no jogo competitivo do capitalismo — os quais, na verdade, são a

imensa maioria da população mundial. Ela interfere no ambiente social e político, em nível nacional e global, no progresso econômico e na qualidade de vida de todos — inclusive da minoria rica.

O aumento da desigualdade leva a convulsões sociais, polarização política e tensões crescentes entre diferentes grupos. Ela está na raiz de fenômenos tão diversos como o movimento Occupy, o Tea Party e a Primavera Árabe; a aprovação do Brexit, no Reino Unido; a eleição de Donald Trump; e a ascensão da direita nacionalista, do racismo e de grupos de ódio, na Europa e nos Estados Unidos. Pessoas que se sentem desamparadas e sem perspectivas para o futuro se tornam mais desiludidas e raivosas. Nosso mundo foi abruptamente dividido entre os que têm e os que não têm — dois grupos com pouco em comum, exceto sentimentos mútuos de desconfiança, medo e hostilidade. A desconfiança se tornará mais forte à medida que as tecnologias da informação e da comunicação ganharem terreno nos segmentos mais pobres da população, tornando-os ainda mais conscientes sobre as injustiças do jogo de cartas marcadas.

A situação não é confortável para ninguém, nem mesmo para quem sempre está no topo do amontoado social. Os ricos e poderosos gostam da vida atrás das grades de seus condomínios fechados, onde se escondem das realidades da existência vivenciada por 99% da população? Gostam de desviar os olhos quando cruzam com gente sem-teto e faminta nas ruas? Gostam de usar as ferramentas do Estado — incluindo forças policiais e outras formas de coerção — para reprimir os inevitáveis protestos feitos pelas camadas mais pobres? Querem mesmo que seus próprios filhos e netos herdem esse mundo?

Acho que, para a maioria dos ricos, a resposta é não.

Não creio que os ricos se tornaram ricos por serem maus. Muitos deles são pessoas boas que simplesmente aproveitaram o

sistema econômico atual para alcançar o topo da escada. E muitos compartilham o sentimento generalizado de desconforto por viver em um mundo bruscamente dividido entre ricos e pobres.

Evidência disso está nas vastas quantias doadas a causas beneficentes, seja na forma de contribuições individuais a organizações sem fins lucrativos ou por meio de institutos filantrópicos. Doa-se centenas de bilhões de dólares para instituições de caridade todos os anos. Embora líderes empresariais sejam leais à doutrina da maximização do lucro como única função válida dos negócios, a maioria das corporações destina uma porcentagem do lucro a serviços comunitários e à caridade, em nome da “responsabilidade social”.

Além disso, praticamente todas as sociedades dedicam parcela significativa de sua arrecadação fiscal a programas sociais que financiam saúde, assistência alimentar, auxílio-moradia e outras formas de contribuição para melhorar a situação dos mais pobres. Os esforços são muitas vezes inadequados e mal planejados. Mas sua própria existência evidencia que a maior parte da sociedade sente genuinamente uma obrigação de fazer algo para reduzir a extrema desigualdade que deixa tantos milhões sem recursos necessários para levar uma vida segura e satisfatória.

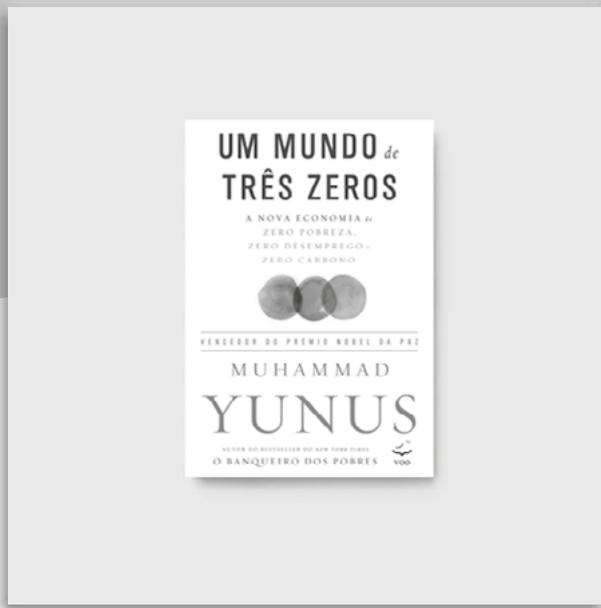
Programas sociais e de caridade são ações bem-intencionadas para reduzir os danos causados pelo sistema capitalista. Mas uma solução real requer mudanças no próprio sistema.

HOMEM CAPITALISTA *VERSUS* HOMEM REAL

O PROBLEMA SISTÊMICO COMEÇA NAS suposições que traçamos sobre a natureza humana. A indiferença em relação aos demais seres humanos está profundamente entrelaçada à atual estrutura conceitual da economia. A teoria neoclássica da eco-



Continue sua leitura do livro!



[CLIQUE AQUI](#) para comprar seu exemplar
ou acesse pelo QR Code abaixo.



“Muhammad Yunus demonstrou ser um líder capaz de traduzir visões em ações práticas para o benefício de milhões de pessoas, não apenas em Bangladesh, mas em muitos outros países também.”

– **COMITÊ NOBEL NORUEGUÊS,
RESPONSÁVEL PELO PRÊMIO NOBEL DA PAZ.**

“Muhammad Yunus trocou a sala de aula por um vilarejo e descobriu que apenas 27 dólares eram suficientes para livrar dezenas de artesãos, vendedores e puxadores de riquixá das dívidas... Yunus estava apenas tentando ajudar um vilarejo, mas de alguma forma conseguiu mudar o mundo.”

– **BARACK OBAMA, EX-PRESIDENTE DOS EUA.**

“A ideia de Yunus inspirou inúmeros jovens a se dedicar a causas sociais em todo o mundo.”

– **REVISTA FORTUNE.**

“Ao dar aos pobres o poder de ajudar a si mesmos, o Dr. Yunus ofereceu-lhes algo muito mais valioso do que um prato de comida: a segurança em sua forma mais fundamental.”

– **JIMMY CARTER, EX-PRESIDENTE DOS EUA.**

REALIZAÇÃO:

